

O autor também escreveu: *Princípios e Métodos de Orientação Educacional e Didática Geral*, ambos publicados pela Editora Atlas.

# O Cotidiano da Escola de 1º Grau

*Vani Moreira Kenski\**

DOMINGUES, José L. *O Cotidiano da Escola de 1º Grau: O Sonho e a Realidade*. Goiânia/São Paulo, CE-GRAF-UFMG/EDUC, 1988.

São muitos os educadores que pensam e falam sobre a realidade da escola de 1º grau, e preocupam-se com ela. São poucos, porém, os que já vivenciaram esta realidade, seja como professores ou como pesquisadores. A identificação crítica da realidade da escola de 1º grau, as trocas permanentes que ali ocorrem, o interior da sala de aula onde professores e alunos atuam com objetivos, em muitos casos, nem sempre coincidentes, vão ser objetos do estudo de José Luiz Domingues neste livro, reprodução de sua tese de doutorado em Psicologia da Educação defendida na PUC/SP.

Estruturado em quatro partes, além de uma farta documentação anexa, o livro apresenta um relato de situações que ocorrem no cotidiano das salas de aulas observadas pelo autor e por uma equipe de auxiliares. A validade da publicação está exatamente nesta dupla função: do livro não consta apenas a descrição do que foi pesquisado nas escolas de 1º grau, mas também a forma como se desencadeou a pesquisa, os instrumentos utilizados para o treinamento dos auxiliares, além de exemplos de protocolos de registros de diversas atividades ocorridas no desenvolvimento da investigação.

Na primeira parte do trabalho, Domingues relaciona a sua trajetória de curricularista com as teorias que permearam a sua prática e orientaram a sua escolha de tema de pesquisa para uma tese de doutorado. Neste caminho apresenta a influência teórica do behaviorismo que, em princípio, orientou sua "postura ao ver, pensar, sentir o mundo e nele agir" (p. 18). Mostra, a seguir, o conflito dessas idéias com as que identifica como "psicologia da cognição do ponto de vista fenomenológico-existencial". Considera, por fim, que o estado teórico do currículo pode ser visto a partir de três paradigmas básicos (técnico-linear, circular-consensual e dinâmico-dialógico) apresentados por James B. MacDonald e analisados brevemente por Domingues, a partir das idéias defendidas por Ralph Tyler, Maxime Greene, William Pinar, Michael Apple e Henry Giroux, considerados pelo autor como principais representantes de cada uma dessas linhas de pensamento.

Ainda na primeira parte, Domingues descreve os caminhos utilizados na pesquisa, cujo objetivo era o de "reconceptualizar a questão de currículo de 1º grau, a partir do cotidiano da sala de aula da escola de 1º grau" (p. 42). Baseando-se nas afirmações de Goodlad sobre a existência, nas salas de aulas, concomitantemente, de diversos currículos (o formal, o operacional, o percebido e o experienciado), Domingues optou pela utilização de métodos qualitativos de investigação, que pudessem lhe garantir a imersão na "realidade legal e psicossocial da sala de aula" (p. 43).

O relato sobre o que foi observado no cotidiano de uma escola pública de 1º grau (1ª a 4ª séries) de Goiânia-GO durante o segundo semestre letivo de 1981 constitui a segunda parte do livro. Ressalta-se aqui a forma como são apresentados os "atores" que atuam no cenário da escola. Domingues procura lhes dar algumas características mais humanas. De forma sucinta, apresenta o corpo docente e administrativo

\* Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP.

da escola: fala de seus problemas pessoais, seus sonhos, suas histórias de vida, suas lutas. Os alunos são apresentados coletivamente a partir de dados coletados em entrevistas feitas com quarenta e cinco crianças da escola.

É também na segunda parte que o autor descreve o cotidiano vivido nas salas de aulas. São relatadas as falhas, os problemas, os esforços de alguns, o desinteresse da maioria dos professores e da direção da escola. A perspectiva do relato, porém, é sempre a partir das ações dos professores. Os alunos, embora tenham sido arrolados como “atores” pelo pesquisador, parecem mais compor o cenário, suas ações se dão em um plano secundário e, na maioria das vezes, são usadas para a apresentação de atitudes singulares que ocorriam no cotidiano da escola.

A terceira parte do livro é o espaço que Domingues destina para a leitura crítica do que foi observado no acompanhamento diário das atividades da escola. Orientado para descobrir as contradições entre o currículo prescrito e a ação dos professores, Domingues levanta algumas questões, nomeadas de farsas. A primeira delas diz respeito à não-inclusão de matérias obrigatórias (quantidade). Das nove matérias prescritas pela legislação para serem desenvolvidas em salas de aulas, apenas duas — Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa e Matemática — são apresentadas efetivamente. A segunda farsa, decorrente da primeira, relaciona-se com a baixa qualidade com que o conteúdo dessas duas matérias é desenvolvido. A terceira farsa diz respeito ao tempo, ou melhor, à perda de tempo, o que resulta em que, segundo os cálculos efetuados por Domingues, o aluno tenha efetivamente 65 dias letivos no semestre, com uma média de 1 hora e 40 minutos de atividades instrucionais por dia.

A procura de resposta faz com que Domingues passe a analisar o papel do professor na solução da maioria desses problemas e chegue ao final, na quarta parte do livro, à proposta de “uma agenda para ação”. Nesta ação, o alerta final do curricu-

lista Domingues é de que não se pode fazer a “reconceptualização do currículo da escola de 1º grau”, sem passar, obrigatoriamente, pelo estudo do cotidiano da sala de aula.

## As Ciências Sociais na Escola

*Eloisa de Mattos Hofling\**

NIDELCOFF, Maria Tereza. *As Ciências Sociais na Escola*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Com formação em História, esta autora argentina tem se ocupado sistematicamente da metodologia de ensino das Ciências Sociais nas escolas de 1º e 2º graus. Em seu livro *A Escola e a Compreensão da Realidade* (São Paulo, Brasiliense, 1979), produz um “ensaio” da temática, dirigido especialmente às séries iniciais do 1º grau. Através de quatro subtemas: “Os homens de nossa localidade”, “Os homens de nosso tempo”, “Os homens de outros lugares”, “Os homens de outros tempos”, já coloca os grandes vetores do ensino na área de Ciências Humanas.

Neste livro, *As Ciências Sociais na Escola*, a autora dirige-se à faixa etária de 12 a 16 anos (aproximadamente da 6ª série ao 2º colegial em nosso sistema escolar), “etapa que marca o início do estudo formal das Ciências Sociais, a cargo de um docente especializado” (p. 7).

Nas unidades iniciais a autora coloca com muita lucidez a dificuldade do trabalho do professor em um momento tão complexo como este, em que as transformações sociais expõem com muita crueza o descompasso entre as expectativas dos pais e alunos e a instituição escola; em que, pelas

\* Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP.